

A FALÊNCIA DA LÓGICA DO COMBATE A SECA E A EMERGÊNCIA DA LÓGICA DA CONVIVÊNCIA COM SEMIÁRIDO

Autor: Eliziana Vieira Saraiva¹; Co-autor: Gedália de Sousa Ramos²; Orientador: Josias de Castro Galvão³

*UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- CAMPUS CAJAZEIRAS
CFP-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
EMAIL:*

Resumo: Ainda hoje é comum à ideia do semiárido veiculado a um lugar seco onde a fome e a falta d'água são características preponderantes, mas, o conhecimento geográfico nos mostra que não é assim. Ao invés de ver no clima semiárido um mal a se combater na busca da sobrevivência, trata-se de aliar os conhecimentos para construir alternativas para uma convivência harmoniosa com o nosso clima, como as técnicas e tecnologias desenvolvidas no assentamento Santo Antônio localizado em Cajazeiras- PB e no Assentamento Acauã, localizado em Aparecida-PB, nossas áreas de estudo. Nesse contexto, a seca não é a grande vilã, e a agricultura familiar inserida no contexto do semiárido, tem um papel protagonista de ajudar a construir alternativas sustentáveis para a região. Consonante a isto, este trabalho intitulado: *“A falência da lógica do combate a seca e a emergência da lógica da convivência com o semiárido”* é resultado de um estudo de campo realizado nos Assentamentos citados acima, proporcionado à turma de graduandos em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras PB, através do incentivo do Professor Josias Galvão da disciplina de Geografia Agrária. Buscamos trazer à discussão os estereótipos dados ao Semiárido Nordeste, assim como o debate “Sobrevivência versus Convivência” e o papel da educação e da Geografia nesse processo. Têm-se como objetivos: Romper com a lógica do combate a seca e reconhecer a emergência da lógica da convivência com semiárido através do estudo das técnicas e tecnologias desenvolvidas nos Assentamentos; identificar quais e como funcionam as tecnologias utilizadas pelos produtores; e Aproximar-se da realidade dos sujeitos do nosso objeto de estudo da Geografia e do Agrário. Foram utilizadas fontes bibliográficas que tratam do Agrário, das reformas, dos assentamentos, de sistemas produtivos e materiais como câmera fotográfica e caderno de anotações. Os resultados apontam para uma mudança positiva de concepção, ampliação da visão de mundo, construção de um conhecimento crítico e reconhecimento da importância das tecnologias usadas pelos produtores assentados. Ao fim, espera-se que este estudo sirva de base teórica para outros trabalhos que seguirem ou se aproximarem dessa linha de pesquisa.

Palavras chave: Semiárido, Convivência, Sobrevivência, Assentamentos, Reforma Agrária.

Introdução

O presente trabalho trata de um relato com fotos, resultado da experiência de aula de campo realizada em Assentamentos Rurais de Reforma Agrária, por incentivo do professor Josias Galvão, referente à disciplina de Geografia Agrária, para alunos graduandos do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, como peça indispensável da unidade curricular de Geografia. Através dessa oportunidade, construímos este trabalho que tem por objetivos: romper com a lógica do combate a seca e reconhecer a emergência da lógica da convivência com semiárido, através do estudo das alternativas para lidar com a seca em dois Assentamentos localizados na Região de Cajazeiras do Alto Sertão Paraibano. Consonante a isto foi possível identificar quais as tecnologias utilizadas pelos produtores, ver como funcionam os sistemas de reaproveitamento de água, bem como os quintais produtivos agroecológicos da área, e aproximar-se da realidade dos sujeitos do nosso objeto de estudo da Geografia e do Agrário.

Na ocasião, visitamos o assentamento Santo Antônio localizado em Cajazeiras- PB e o Assentamento Acauã, localizado em Aparecida-PB. Os assentamentos são formados a partir da desapropriação de uma determinada área e a emissão de posse da terra é dada, após trâmites legais, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), órgão responsável pela formulação e execução da política fundiária nacional, a fim de que a cultivem e promovam seu desenvolvimento econômico. As atividades econômicas dos assentamentos variam de cada região, incluindo a produção de alimentos para consumo próprio, onde as famílias se organizam a partir dos problemas que surgem no cotidiano e os resolvem em conjunto de maneira solidária.

Foram utilizados para complementar os estudos, trabalhos já produzidos que tratam do Agrário, das reformas, dos assentamentos, de sistemas produtivos e artigos científicos também voltados à temática. Para melhor investigação da área de estudo e como meio de selecionar e arquivar momentos importantes da visita usamos materiais como câmera fotográfica e caderno de anotações.

É importante destacar que a proposta é a de aprender a conviver com o semiárido onde é possível desenvolver novas perspectivas da realidade ampliando o debate entre o conhecimento e os saberes tradicionais. Os resultados apontam para uma mudança positiva de concepção, ampliação da visão de mundo, construção de um conhecimento crítico sobre temas sociais emergentes e o desenvolvimento de profissionais da educação preparados.

Nesse contexto a educação tem papel crucial. Contudo, espera-se que este estudo sirva de base teórica para outros trabalhos que seguirem ou se aproximarem dessa linha de pesquisa onde vão poder ter uma direção a ser seguida como também um embasamento e referencial teórico para a realização de um trabalho importante deste tipo.

SOBREVIVÊNCIA *VERSUS* CONVIVÊNCIA:

Alternativas para lidar com a seca em Assentamentos Rurais de reforma agrária na Região de Cajazeiras do Alto Sertão Paraibano.

Até hoje ainda é comum à ideia do semiárido veiculado a uma natureza árida e sem predicados, um lugar seco onde a fome e a falta d'água são características preponderantes não existindo oportunidades. Por vezes, a imagem difundida do semiárido foi distorcida. Vendeu-se a ideia de uma região árida, e não semiárida, dividindo os debates, como afirma Mattos (2004), quando afirma que “ora a seca é interpretada como um problema predominantemente climático, cujas soluções são de ordem técnico/científica- solução hidráulica – barragens, irrigação, etc; ora é interpretada sob a ótica da fragilidade socioeconômica dos agricultores familiares da região”.

Para Carvalho (2004), o movimento que hoje se procede no pensar, agir e conduzir os debates a cerca do modelo de desenvolvimento apropriado para o semiárido aponta para a falência da lógica do combate a seca e a emergência da lógica da convivência com semiárido [...] Assim, em contraposição a esta visão ínfima do semiárido, é importante utilizar novas referências a cerca da percepção/visão do semiárido brasileiro, rompendo com a lógica do combate a seca para aderir à lógica da convivência, onde o clima deixa de ser inimigo e propicia o surgimento de novas técnicas de lidar com as adversidades, conseguindo produzir e dar vida a áreas antes improdutivas.

Como prova dessa possibilidade, são desenvolvidos em Assentamentos de Reforma Agrária como no assentamento Santo Antônio localizado em Cajazeiras- PB e o Assentamento Acauã, localizado em Aparecida-PB, alternativas de convivência com o semiárido. Ambos realizam projetos de reaproveitamento de água para irrigação de quintais produtivos e criação de animais, podendo contar com sistemas de captação e reabastecimento a partir da água da chuva, produção de alimentos agroecológicos que são postos à venda em feiras nas cidades circunvizinhas e outras tecnologias sustentáveis de sobrevivência com o semiárido.

Conhecemos alguns desses projetos de convivência com o semiárido que são tecnologias sociais criadas pra facilitar a vida do homem no campo, pois não basta ter a terra, é preciso fazer com que ela produza para gerar renda e sustentabilidade pra quem vive na terra. Vimos então o funcionamento de algumas dessas tecnologias, como: O Biodigestor (Figura 1), que com o esterco dos animais, produz o biogás que é usado na cozinha; Um Filtro

(Figura 2), que é uma espécie de caixa com um balde cheio de perfurações que retém as sujeiras, gorduras e restos de comida, liberando a água que segue por canos até um cercado de brita, areia e estrume (Figura 3), onde essa encanação passa e a água extraída é utilizada para irrigação das plantações.

Outras alternativas são a Mandala (Figura 4), um reservatório de água circular, com canteiros que formam anéis ao seu redor onde o plantio, em geral de hortaliças, é feito em torno do reservatório, permitindo, assim, o reaproveitamento da água. Foi uma das primeiras tecnologias implantadas, mas, devido à seca não deu certo; e a Cisterna Calçada (Figura 5), que consiste em um espaço para captação de água da chuva que tem como finalidade armazenar água para a produção de alimentos, manutenção de plantas, criação de pequenos animais, potencializando os quintais produtivos (Figura 6);

Fazem uso ainda de uma Barragem Subterrânea, outra tecnologia de captação e armazenamento da água de chuva para produção de alimentos que possui a função de reter a água da chuva que escoam em cima e dentro do solo, por meio de uma parede construída dentro da terra. Sua construção é feita escavando-se uma vala estendendo um plástico por toda sua extensão, fechando-a em seguida com a terra que foi retirada na sua abertura. O sucesso da barragem subterrânea depende da localização, da construção dentro dos parâmetros técnicos recomendados, do conhecimento sobre seu funcionamento e manejo, e da apropriação por parte da família. Há também tanques de armazenamento de água, cisternas para consumo humano (Figura 7) e para a produção e poços (Figura 8).

Figura 1: Biodigestor. Acervo Pessoal



Figura 2: Filtro. Acervo Pessoal.



Figura3: Filtro de reutilização de água para irrigação. Acervo Pessoal.



Figura 4: Mandala em desuso. Acervo Pessoal.



Figura 5: Cisterna Calçada. Acervo Pessoal.



Figura 6: Quintais produtivos: Horta. Acervo Pessoal.



Figura 7e 8: Cisternas para consumo e para produção. Acervo pessoal.



Após ver quais as tecnologias usadas pelos agricultores, fomos conhecer a área de vazante (Figura 9). Um camponês assentado relatou que além das hortaliças produzidas nos quintais produtivos irrigados pelos sistemas de reaproveitamento de água, plantam abóbora, feijão, milho e tomate. Essa área, segundo ele, é coletiva, mas de produção individual, ou seja, todos tem acesso, podendo plantar livremente, mas cada um tem sua produção, podendo ser partilhada caso necessário. Este camponês avalia essas tecnologias como satisfatórias, pois, quando não se fazia uso delas ou de certas áreas, estava perdendo um grande benefício para sua produção.

Figura9: Área de Vazante: plantação diversificada. Acervo Pessoal



Diante desse estudo e do reconhecimento de todas essas possibilidades de conviver com o semiárido e de criar técnicas e tecnologias para produzir e se desenvolver em ambientes rurais, é importante ressaltar o papel da educação nesse processo de libertação de estereótipos, onde a Geografia, com seu olhar sobre o espaço, possibilita esse debate. Segundo Malvezzi (2007), a convivência com o Semiárido precisa começar dentro das escolas, modificando-se o processo educacional, o currículo escolar, a metodologia educativa e o próprio material didático. Esse desafio é tão agudo quanto a própria transformação do Semiárido.

Reafirmando o pensamento acima, Mattos (2004) reflete que a educação desenvolvida no Semiárido é construída sobre valores e concepções equivocadas sobre a realidade da região. Uma educação que reproduz em seu currículo uma ideologia preconceituosa e estereotipada que reforça a representação do Semiárido como espaço de pobreza, miséria e improdutividade, negando todo o potencial dessa região e do seu povo. Segundo Lima (2008), Não pode ser um processo educativo desenvolvido de forma mecânica e dentro de quatro paredes sem considerar e envolver os elementos sociais e culturais, que tanto influenciam a

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

vida dos sujeitos sociais. Para tanto, é preciso defender uma educação que busque contextualizar o ensino-aprendizagem com a cultura local, promovendo o conhecimento e a produção de novos valores e a divulgação de tecnologias apropriadas à realidade semiárida.

Considerações finais

A Geografia lida diretamente com a forma de como a sociedade organiza seu espaço, este, produzido pelo homem, que está em constante transformação ao longo do tempo e que possui um caráter histórico, podendo contar a história e as características da ação humana sobre o meio. Porém, mesmo com as possibilidades de ler o mundo oferecido pela Geografia, há na sociedade um olhar preconceituoso em relação ao Sertão Nordeste pelo seu clima semiárido, assim como a esses espaços dos assentamentos de reforma agrária, tendo em vista a visão que as pessoas têm de que, por virtude do clima, a região é seca e sem vida, e que os assentados são vagabundos e desordeiros querendo terra para vender.

Essa visão de semiárido é fruto de um conjunto de interesses. No entanto, criam-se, novas referências a cerca da percepção do semiárido brasileiro. Para essa nova forma de pensar, podemos chamar convivência com semiárido, onde a seca não é a grande vilã, mais um fenômeno natural. As comunidades desta região, como os assentados devem não combater para sobreviver, e sim construir alternativas e estar preparados para conviver com este fenômeno. Nesta nova perspectiva a agricultura familiar é protagonista, de modo que para desenvolvê-la, os produtores desenvolveram essas maneiras citadas até o momento, como os sistemas de reaproveitamento de água, cisternas, produção limpa e diversificada e venda de produtos livres de agrotóxicos e outros produtos químicos, contribuindo assim, para saúde dos consumidores.

Com esse estudo de campo foi possível desenvolver o pensamento crítico, a sensibilidade de leitura do mundo, e a percepção dos Universitários que perderam a infeliz visão de que assentados de reforma agrária são desordeiros que lutam pela terra para revendê-la, para perceber que estas famílias estão lutando anos a fio pelo direito a vida e a terra para produzir e se desenvolver.

Consonante a isto e, como a Universidade é um Centro de Formação de Professores, é importante que estes futuros profissionais tenham contato com temas emergentes como esse, para conduzir os debates para o rompimento com a lógica do combate a seca e aderir à lógica da convivência, onde o clima deixa de ser inimigo e propicia o surgimento de novas técnicas de lidar com as adversidades, conseguindo produzir e dar vida a áreas antes improdutivas.

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

Assim, a educação tem um papel muito importante: o de desmistificar e romper com o rótulo de pobreza, fome e falta de oportunidades que infelizmente ainda são postos para o Sertão Nordestino. Nesse sentido, os produtores de Reforma Agrária conseguiram provar, através de alternativas utilizadas por eles, que a convivência é muito mais efetiva que o combate, devolvendo a cor dos solos, com sua produção limpa influenciando na manutenção da saúde de toda uma população que consome os produtos vendidos nas cidades; dando novas utilidades a água, com seus sistemas de reaproveitamento; e dando vida ao Sertão, com o poder que as famílias assentadas tem de “plantar” esperança através da agricultura familiar.

Referência:

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo.**2001. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a16.pdf> > Acesso em:<Out.. 2018>

CASTRO, Josué, 1908-1973. C351g. **Geografia da fome : o dilema brasileiro : pão ou aço.** Rio de Janeiro : Edições Antares, 1984. Disponível em:<<http://www.zorraquino.com.br/textos/eco-social/geografia-da-fome-josue-decastro.pdf>> Acesso em:<Out.. 2018>

CARVALHO, L. D. A emergência da lógica da convivência com o semi-árido e a construção de uma nova territorialidade. In. Educação para a convivência com semi-árido: reflexões teóricas práticas. Juazeiro: secretária Executiva da rede de educação do semi-árido brasileiro.2004. CARVALHO, O e EGLER, C.A.G. Alternativas de Desenvolvimento para o Nordeste SemiÁrido. Fortaleza. Banco do Nordeste. 2003. Disponível em: <<http://ppgesa.uneb.br/wp-content/uploads/2017/07/Educa%C3%A7%C3%A3o-para-Conviv%C3%Aancia-com-o-Semi%C3%A1rido-reflex%C3%B5es-te%C3%B3ricas-pr%C3%A1ticas.pdf>> Acesso em:<Out.. 2018>

CONEJERO, Lucas. **#ACARTA. Ocupar Resistir e Produzir.** Editora Confiança. 2011. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ocupar-resistir-e-produzir>> Acesso em:<Out.. 2018>

CUNHA, Luis Henrique; NUNES, Aldo Manoel Branquinho. **Os desafios para a gestão de recursos comuns em assentamentos do semi-árido.**2008 Disponível em:<http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2036/luis%20henrique%20cunha.pdf > Acesso em:<Out.. 2018>

LIMA, Valéria Raquel P; VIANNA, Pedro C. Guedes. **A necessidade de uma Reforma Hídrica: O Conflito por água no Semi-Árido da Paraíba.** 2005. Disponível em:<<http://www.geociencias.ufpb.br/leppan/gepat/files/gepat023.pdf>> Acesso em:<Out.. 2018>

MALVEZZI, R. Fazer Água. In: Caritas do Brasil et alii, Água de Chuva - O segredo de Convivência com o Semi-Árido Brasileiro, São Paulo, SP, 2001 Disponível em:<http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2036/luis%20henrique%20cunha.pdf > Acesso em:<Out.. 2018>

MATTOS, B. H . M. Natureza e sociedade no semi-árido brasileiro: um processo de aprendizagem social ? In: Educação no contexto do semi-árido brasileiro. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004. Disponível em:<https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=e336c281-964e-ee93-f626-06a5de6289ab&groupId=252038> Acesso em:<Out.. 2018>

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p. Disponível

em:<http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/Livro_ari.pdf> Acesso em:<Out.. 2018>

Secretaria Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **MST Lutas e Conquista.** 2ª Edição. Jan.de 2010. Disponível em:<<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20-%20MST,%202010.pdf>> Acesso em:<Out.. 2018>